

RICARDO ADOLFO

**DEPOIS DE MORRER
ACONTECERAM-ME
MUITAS COISAS**



COMPANHIA DAS LETRAS



11. A vida saía-lhe com sorte

eu já ia, disse à Carla

tou a ir, tou a ir, respondeu-me enquanto se desenhava por uma ruela que também fugia da rua alta, atraída pela pechincha. Andávamos de volta das montras há mais de três horas e já estava tudo revisto. Não que houvesse muito para ver. As ruas altas estavam magras de oferta e a última moda era fechar lojas em vez de as abrir. Em vez de montras luxuosas capazes de derreter a carteira dos mais agarrados, ofereciam montras entaipadas, frentes cegas, cravadas com pregos para esconder o que não havia para vender.

Do outro lado da ruela, duas barracas pouco legais vendiam tarecos vários. A primeira, mais espontânea, apostava na diversidade, em produtos que escorregavam de noite de camiões a dormir, e oferecia peixe seco, baldes, seiras, pilhas, ossos de plástico para o cão, lentilhas, tudo coisas de que precisávamos muito. A segunda, mais coerente, apostava nas malas e nos sacos de viagem com e sem rodinhas, mas mesmo assim também se mostrava um pouco desgovernada na oferta, parecia que os restos mortais de várias lojas de malas se tinham reunido ali para um último suspiro. Deixei-me ficar para trás com o miúdo a dar pontapés numa pedra.

Desde que ele largara as fraldas que lhe andava a treinar o cruzamento com o pé esquerdo. Não que quisesse muito que ele crescesse para ser multimilionário, a coleccionar carros, casas, barcos e modelos, mas se lhe desse para ali não me chateava. E se tivesse dois pés melhor.

Com o argumento de que lhe estava a estragar as sapatilhas, a mãe mandou acabar o treino e chamou-nos para a sua beira. Queria saber o que é que eu achava da mala vermelha gigante que o vizinho da barraca lhe tentava vender. Eu não achava nada. A única viagem em agenda era a de metro para casa e, mesmo que houvesse outra que eu desconhecesse, tínhamos uma mala em casa. Estava partida, dizia ela. E aquela era tão grande que até dava para ser um mini guarda-fatos. Mais as bolsas interiores e exteriores, as tiras extra, as rodas que giravam a toda a volta, tudo por muito pouco, como o vizinho fazia questão de escrever no bloco de notas. A mim parecia-me caríssima mas, como ela dizia, eu não fazia ideia do preço de uma boa mala de viagem. (Um comentário que invalidava a pergunta dela mas, enfim, estava habituado.) Tentei empurrar com a barriga, que depois pensávamos melhor nisso. Agora, ali, assim, às pressas, sem tempo, disse-lhe que precisava era de ir andando. Ainda queria passar no café para falar com um dos vizinhos por causa de um trabalho que podia estar para cair. Ela perguntou qual trabalho. Respondi-lhe que não sabia bem e por isso mesmo é que precisava de lá ir. Sem olhar, respondeu-me que o que eu queria era ir ver a bola e continuou a avaliar o roupeiro anão. Calei-me, não deixava de ser verdade. Já que lá ia aproveitava e via o jogo. Não havia mal nenhum nisso e também

não era todos os dias que uma equipa da terra ia à ilha com hipóteses de fazer um brilharete.

E o que não lhe vinha à ideia era que à mesa, de volta de umas e outras, era sempre mais fácil puxar conversa, ver se caía alguma coisa. Era a proximidade. A confiança que se ganhava. Um vizinho que fosse boa companhia para ver a bola, facilmente passava a apto para fazer umas entregas, limpar uns armazéns, deitar umas paredes abaixo. Qualquer coisa paga à hora. Dinheiro por tempo, limpo. Sem conversas pelo meio.

O vizinho da barraca deve ter cheirado a minha pressa ou o meu desinteresse. Chegou-se à Carla e mostrou-lhe como é que a mala se podia dobrar pela metade e encaixar outra por cima. daquelas mais pequeninas, das hospedeiras e dos homens de negócios. Sem precisarmos de uma, já íamos com duas. E como ele era mesmo amigo ainda oferecia um cadeado com código. Mais um bocado e saímos daqui com a barraca às costas, disse baixinho para ela não me ouvir e para não deixar de dizer. De facto não fazia a menor ideia do tanto que ela tinha para levar, muito menos para onde.

Pelos vistos as malas também se experimentavam. Como se estivesse a ver de uns sapatos novos, a Carla pôs-se a andar para cima e para baixo de mala na mão. Desceu o passeio, voltou a subir, rodou, experimentou ziguezaguear. O miúdo tentou enfiar-se lá dentro mas ela não deixou, disse-lhe que não cabia, o que era mentira, havia espaço para dois como ele. E continuou feita estrela. Por acaso até ficava gira. Parecia mais nova, mais rápida. No entanto, não valia a pena olhar para mim, que nada daquilo rebatia o suficiente para lhe dizer que sim, que a mala lhe dava um ar distinto, de quem vivia bem lá fora.

Eu, se fosse a algum lado, enfiava as coisas nos bolsos. Qualquer coisa a mais levava na mochila. Mas ela insistia que já ficava, que o preço era mesmo de aproveitar, porque mais dia menos dia a crise fazia-se à vida levando consigo aquela oportunidade única. E quando fôssemos à terra faria um vis-tão. Disse-lhe que sim. E se puséssemos um porco lá dentro ainda mais. Ela não gostou da piada e chegou-se à frente, enquanto eu lhe tentava explicar que por causa dessa mesma crise não podíamos andar naqueles disparates. Mas ela nada. Há muito que fazia poupanças para uma coisa boa e a arca andante era o investimento perfeito. Não só ficava com o problema das poupanças resolvido como me ensinava a não a contrariar quando estivéssemos a falar do dinheiro dela. Ainda tentei fazer-lhe ver que uma mala tão boa, de marca e tudo, chamava muito a atenção e se por acaso voltássemos à terra de avião o mais certo era ser roubada. Respondeu-me que estava só a agoirar e começou a tirar as notas dobradas em quatro do bolso das moedas.

Desisti, pedi-lhe que se despachasse, mais uma vez sem consequências imediatas e esperei agarrado ao miúdo. Se queria levar a mala que levasse, mas ao menos podia deixar-se de conversas. Era só uma mala, não precisava de sorrir mais ao vizinho, ele não lhe estava a fazer nenhum favor, e não entendia uma palavra do que ela lhe dizia. De certeza que à saída da fábrica aquele dinheiro todo dava para pelo menos dez iguais. Com vagar eu até lhe podia dizer qual era a fábrica.

Para ver se a coisa não azedava mais e se me escapava para o café sem grandes conversas dei-lhe o miúdo e ofereci-me para levar a mala. Ela percebeu a proposta de paz

e aceitou. Satisfeita a vontade da senhora, valia-me um crédito para gastar como quisesse.

De mala, rua fora, também me senti logo mais distinto, mais viajado, mais alto, mais vistoso — como quem vinha de um sítio muito interessante e ia para outro melhor ainda. Não lho disse, não precisava de lhe dar essa satisfação ao fim de cinco minutos. Continuei de cara erguida e tive pena pela primeira vez de que não houvesse mais gente na rua. A mala estava mesmo bem desenhada. Uma brecagem perfeita, um punho seguro, se calhar até dava para fazer piões. Sem saber, fizera uma óptima compra. Ela tinha daquelas coisas, a vida saía-lhe com sorte. Afinal devia ter incentivado a compra da outra mais pequenita. Podia ir com ela ao supermercado, ao parque, dava jeito para o lanche do miúdo, o jornal, as latas de feijão e os pacotes de leite. Ficava mais executivo na volta do pão.

o qué cachas?, perguntou-me a Carla
do quê?
do qué cavia de ser?
tás a falar da mala?
não, da tua pequenez
podia ser mais pequena
lá isso podia
escusas de tar a falar mal de mim
tava a falar da mala, com rodinhas não acredito que
custe muito
custar não custa mas se fosse mais leve era melhor
melhor pra quê?

pra correr por exemplo
pra qué caviás de querer correr com ela?
quando estiveres atrasada pra apanhar um avião
logo vês
essa mala é de porão

Aquela conversa não estava a ajudar. Falar e guiar a mala ao mesmo tempo era demais. Puxei do crédito, disse-lhe que se despachasse e deixei a coisa por ali. Lembrei-me de que mesmo sem a mala de executivo podia ir com aquela ao café. Deixava a Carla e o miúdo a meio caminho, ela não ia ter mãos para tanta coisa e se desse às pernas ainda chegava a tempo da segunda parte. Assim que me perguntassem pela bagagem dizia que tinha estado fora uns dias e acabara de chegar do aeroporto. Podia ter ido à terra ou a outro sítio onde também se fosse de avião. Dava logo outro ar.

Com a ajuda do meu crédito já não voltámos às poucas montras que ainda restavam destaipadas. Fomos directos para a estação do metro, que ficava a três paragens dali. Podíamos ter apanhado outro que nos deixasse na nossa estação, mas era arriscado. As linhas multiplicavam-se às cores e as ligações dentro das estações estavam cheias de armadilhas para os menos batidos como nós. A caminhada era também uma desculpa da Carla para poder passear mais um bocado e ir fazendo o mapa da próxima volta, de forma a evitar ruas cheias de lojas fechadas.

Antes de entrarmos galguei a mala por cima da cancela (eu tinha razão, menos trezentos ou quatrocentos gramas faziam a coisa muito mais suave), e dei o passe ao miúdo.

Se havia coisa que o deixava feliz era fazer a cancela abrir com um truque de magia. Era como se tivesse um cartão todo-poderoso. Só não conseguia perceber porque é que o mesmo cartão não abria a porta de casa. Insistia, tentava todas as portas do corredor até encontrar os restos de uma bicicleta ou de uma televisão e deitar o passe para o chão, esquecendo-se de imediato da missão que iniciara cinco minutos antes. Precisava de lhe trabalhar a atenção, o empenho em levar uma tarefa até ao fim. Aquela distração toda era demasiado infantil.

Para reforçar a minha certeza, descer as escadas rolantes com uma mala daquelas era estar a pedi-las. Os degraus pequenos de mais, as rodas que desandavam à falta de travão, não havia maneira de uma pessoa fazer aquilo sem se pôr a jeito. Desisti. Agarrei-a ao colo e deixei-me ficar hirto, de vista bloqueada, à espera que a Carla me anunciasse o fim para poder fazer um salto cego para o desconhecido.

No banco do metro cheguei-me para a Carla para não estar a empernar com a vizinha do lado. O metro respirou fundo, fechou as portas, partiu e parou logo a seguir. O balanço para a frente girou de volta, fazendo com que a vizinha ao meu lado entornasse o galão portátil no pescoço. Sem cerimónias, a moça fez notar alto a sua dor. Filhos da puta, nem sabem pôr esta merda a andar, calculo que tenha dito, esquecendo-se de que a cafeína deslavada lhe descia devagar para o decote, onde morreu a fazer nódoa.

Olhei em volta. Nada. Não era um entalado. E mergulho suicida também não devia ser, visto que era à chegada que eles costumavam fazer-se à linha. Mais ninguém parecia

estranhar a ausência de movimento. Achei que era eu, pouco habituado às manias do metro. Andava quase sempre a pé e quando precisava de ir mais longe apanhava o autocarro: mais devagar, mais aconchegado, mais barato. Na verdade só fora mais longe uma vez, mas conhecia uma ou duas pessoas que iam com alguma frequência e outras tantas que, se fossem, eram unânimes na preferência pelo meio de deslocação acima da linha de água.

A Carla não fez caso. Só queria chegar a casa. Fechou outra vez os olhos pintados de preto e encostou a cabeça do miúdo ao peito. O calor dele ajudava-a a adormecer. O miúdo esfregou o nariz no peito da mãe e continuou a babar-se para cima das leggings cinzentas que ela vestia por baixo da micro-saia cor-de-rosa. Apesar de já não ter espaço entre as coxas e de ter ganho barriga, ainda tinha pernas. Continuava grossa. E quando trazia o soutien reforçado, o peito subia-lhe bem, empinado, como quem não acreditava na força da gravidade e muito menos na força da idade.

Perdido a olhar para o miúdo, que continuava a esfregar-se no peito da minha mulher, não dei por o altifalante começar a falar por cima da minha cabeça. Disse várias coisas numa voz pouco amigável e repetiu tudo outra vez. A vizinha da nódoa levantou-se irritada e saiu devagar a mirar o café com leite. Pela cara dela não eram boas notícias. Levei a mão direita à careca, senti que estava na altura de pedir à Carla que me cortasse os tufos que restavam, e comecei a massajar o lado esquerdo da nuca, boicotado pela camisola vermelha, com dizeres em estrangeiro, que tinha emagrecido no secador da loja ao fim da rua.

Aos poucos ficámos quase sozinhos na nossa ignorância, até que a voz voltou e levou os que connosco esperavam uma nova partida, para compensar a que começara por ser falsa. Sem saber o que a voz tentava comunicar peguei na mala e saímos para a plataforma, onde os ilhéus discutiam em termos misteriosos. Pareciam calmos, habituados àquele tipo de conversa. A Carla seguiu atrás de mim a puxar a micro-saia para baixo para esconder a nódoa e as nádegas que teimavam em sair por fora. Tanto que eu lhe dissera para cortar nas batatas fritas. É que mesmo a trabalhar doze horas por dia, ela nunca ia conseguir queimar tanta gordura. E todo o sebo que metemos para dentro depois tem de armar barraca em algum lado.

se calhar essa saia já te tá um bocadinho apertada,
 disse-lhe
 tás a querer dizer que tou gorda?
 tava só a falar da saia
 a saia tá na mesma
 se tá deixa tar, mas deve ter havido um problema com
 o metro
 não desconverses
 não tou a desconversar, eles é que tavam a dizer pra
 sairmos
 foi isso queles disseram?
 não sei mas já deve tar aí a vir outro, disse-lhe,
 sem perceber como é que outro metro poderia
 chegar se o que ali estava não conseguisse
 meter a primeira. De uma forma ou de outra,

aquele metro teria de seguir viagem, e por causa das coisas tentei convencer a Carla a voltar a entrar.

Era uma opção contra a maioria, uma opção visionária, que nos levou a ser o centro das atenções. Ela tentou resistir contra a lógica da minha decisão, enquanto eu parecia que estava a ver o metro retomar a marcha e bufar, e enquanto os mais rápidos e sem crianças ao colo conseguiam abrir pela multidão, nós ficávamos apeados. Não me parecia bem. Chegáramos ali sentados. Era um direito adquirido. Vínhamos com bagagem e um filho nos braços. Eram três direitos. Só que eu já conhecia aquela gente. Sempre cheios de educação, quando tocava a entrar pareciam as galinhas da vizinha lá da terra a fugir da mão que as queria promover a cabidela.

Entrámos outra vez. Do outro lado da janela os ilhéus fixavam-nos. Estávamos mesmo sós na nossa decisão. A Carla acusou o excesso de atenção e começou a esticar a madeixa de caracóis. Eu gostava mais de a ver com o cabelo liso, só que, pelos vistos, a nova moda era liso em cima e caracolitos a cair pelos lados. A opinião da moda era sempre mais forte.

Expliquei-lhe que não havia problema e, ao contrário dela, fiquei ainda mais convencido. Ela discordou — era a especialidade da casa. Levantou-se. Sentou-se. Deu de volta. Insistiu contra a minha certeza. Não teve sorte. Insistiu outra vez, com a autoridade de mãe. Ainda teve menos sorte. Essa mesma autoridade fazia de mim pai e, tendo em conta a tradição das casas de onde vínhamos, a palavra do chefe de família nem sempre estava para discussão. Disse-me para abrir os

olhos, para ver se ainda estava na terra, se ela tinha cara de minha mãe, e saiu com o filho ao colo.

Nem olhei. Deixei-me ficar agarrado à mala. Era tanga. Ameaça pura. Dei-lhe três segundos para voltar mansa. Mais, o meu pensamento estava certo. Só podia estar. O metro bufou. Vinha ali a minha razão. As portas fecharam-se. Fui preso de livre e espontânea vontade. Do lado de fora a Carla tentou resgatar-me com a ajuda de um daqueles barbudos que andavam pela rua em camisa de dormir. A porta não cedeu. E a Carla batia no vidro, e em mim ao mesmo tempo, com comentários menos dignos sobre a minha inteligência. Reparei numa sujeita atrás dela com a mão na boca para conter a gargalhada. Cabra. Qual era a piada de ver um pai de família prestes a ser levado para o fim da linha? Não era nenhuma, e assim que saísse dali não me iria esquecer de lho chamar na cara — cabra.

tásma chamar parva?, gritou-me
 não é parva, é cabra
 e continuas?
 não é parva, é cabra, e é ela não és tu
 parvalhão e não te calas

Não valia o esforço. Deixei-a ficar sem perceber. O metro começou a andar e nas caras da plataforma vi o quão entalado estava. No fim da linha ia ser catado, multado, preso, espancado. Tudo sem saber porquê. Sem me conseguir explicar. Se conseguisse fugir não sabia o caminho para casa, e se por milagre acabasse por conseguir levar as chaves à porta

naquela noite, ia ouvi-la — e os vizinhos também. Mais uma vez a capacidade de antecipação traía-me. Não podia confiar em mim, dava sempre asneira. Aos poucos a Carla e as caras de boca aberta ficaram para trás. O metro ganhou balanço. E eu fiz-me ao alarme. Pendurei os setenta e dois quilos na argola vermelha e estiquei a corda metálica, até que a campainha de emergência se fez ouvir.

Enquanto esmagava a argola, para não cair com a travagem, reparei que o repique não soava como o do comboio que passava a vários quilómetros da terra e que nós, moços, costumávamos fazer parar a meio caminho, depois da ponte, para não termos de andar do apeadeiro da outra vila até casa. Não era uma saída popular, mas como o pica deixara meia perna na guerra, o festival nunca tinha passado de alguns insultos e de promessas de mazelas várias, que num instante se perdiam entre as betoneiras e a chinfrineira da maquinaria pesada que andava a dividir a serra em lotes de uma e duas assoalhadas. Um paraíso de possibilidades que nós explorávamos ao fim-de-semana com os saltos para os montes de areia, os duelos do prego com os restos dos ferros perdidos, as corridas nas vigas de cimento e as idas de emergência para o posto com os ossos de fora.

Sem a distorção do sistema de som, o altifalante apareceu-me à frente dentro de um corpo entroncado, sem pescoço. Chateado, disse-me muitas coisas, todas muito depressa — não apanhei uma. Teimou em repetir dois ou três ruídos específicos. Nenhum me pareceu simpático ou amigo. A contragosto, abriu a porta e continuou a insistir nos mesmos ruídos enquanto voltava para a carruagem do maquinista.

Pedi muitas desculpas, repeti várias vezes que não voltava a acontecer e tentei aproximar-me da Carla. Não levei com a rebocada de que estava à espera e ofereci-lhe as desculpas que o pica não percebera. Ela deu um passo ao lado e apertou o filho no colo para não me bater. Acabei por não chamar cabra à cabra, para contrariar o instinto que quase me tinha levado para o fim da linha. Decidi que daí em diante deveria fazer sempre o contrário daquilo que achava estar certo. Ia fazer as coisas mal para me sair bem.

Fez-se ouvir outra voz, pendurada no tecto da estação esburacada. Disse o suficiente para provocar uma debandada imediata na plataforma e desapareceu num dos muitos buracos que pareciam ter ficado ali depois da guerra. Não percebemos uma vírgula. A vida continuava a acontecer em estrangeiro e sem legendas.

Tentei retomar o diálogo com a Carla. Ela não deixou. Sentou-se no banco ao pé da máquina dos sumos e dos chocolates, e deixou-se ficar. Pedi desculpa. Mais do que uma vez, aliás. Não me pus de joelhos mas baixei-me. Ela, cabra, olhou-me sobranceira e desviou o corpo para o lado oposto. Via-se que as pernas lhe pesavam depois de uma tarde inteira a descobrir tudo o que não tínhamos. Estacionei a mala ao lado do banco. Não sabia para onde é que o mundo tinha desandado e não via forma de o descobrir. Se calhar só nós é que estávamos bem. Repeti a mesma dúvida a ver se se transformava em certeza, se o metro vinha, ou se a Carla se levantava e dizia — anda masé.

Depois de morrer aconteceram-me muitas coisas

«Uma vez experimentei tomar uma decisão, sem de facto a tomar. Fingi que tinha decidido e depois esperei para ver no que dava. Esperei muito. Até escrevi num papel para não me esquecer. Passados alguns meses, milhares de outras coisas aconteceram e provaram que a minha escolha fora errada. Aprendi a lição. O tempo estragava quase sempre as decisões que se tomavam sem ele.»

Brito é imigrante ilegal numa cidade que não conhece e cuja língua não fala. Um domingo à tarde, perde-se a caminho de casa com a mulher e o filho pequeno. E, como acredita que para tomar uma decisão acertada tem de fazer o contrário daquilo que acha que está correcto, o regresso a casa torna-se uma aventura sem fim à vista. Depois de uma noite na rua, Brito percebe que se não pedir ajuda pode ficar perdido para sempre, mas se o fizer poderá arruinar o sonho de uma vida nova. Com uma acção que decorre em pouco mais de vinte e quatro horas, *Depois de morrer aconteceram-me muitas coisas* explora o que é viver imigrado dentro de si mesmo — mais difícil do que qualquer exílio.

Nova edição do segundo romance de Ricardo Adolfo, aclamado como uma das vozes mais originais da literatura portuguesa do novo século, uma história tão provocadora quanto terna das ilusões e desenganos dos que são atirados para a margem.



«Uma maneira de falar completamente nova na literatura portuguesa.»

António Lobo Antunes

«Um drama de incomunicabilidade, trágico e de tirar o fôlego.»

Anne-Marie Mitchell, *La Marseillaise*, França

«Uma análise fascinante e sobretudo um retrato brutal do que é ser emigrante.»

Publishers News, México

«Como um peixe apanhado num anzol, o meu coração continuou desvairado mesmo depois de acabar de ler.»

Kaori Ekuni, *The Mainichi*, Japão

«O poder explosivo da prosa de Adolfo reside no facto de ele examinar cuidadosamente as deficiências humanas e sociais do nosso tempo.»

Ulf Lundén, *Dala-Demokraten*, Suécia



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN 9789895833351



9 789895 833351 >